FRANCESCA

© 2024 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
FRANCESCA

Copyright 2024
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos electrónicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, excepto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



Prólogo

Pus a mão sobre a página que a Francesca estava a ler. Queria beijá-la; a minha mão tapava-lhe as últimas linhas. Ela segurou-me dois dedos e afastou-os, sem levantar a cabeça.

— Deixa-me acabar.

Esperei de pé, inclinado sobre a cadeira, numa posição que ao princípio me parecera sedutora e que começava a doer-me nas costas. Tentei ler por cima do ombro dela. Desisti. A Francesca levou ainda algum tempo, talvez menos do que recordo, porque eu contava aquela demora pelo incómodo de estar à espera e ela, suponho, pelo que tinha diante dos olhos. Quando fechou o livro, deixou um dedo entre as páginas.

— Agora sim.

Esqueci o título. Lembro-me do dedo preso no livro durante o beijo, da pequena pressão da outra mão na minha nuca, e seria capaz de ocupar várias páginas com o que senti, sem conseguir restituir a frase que ela estivera a ler. Ao escrever, tenho de resistir à vontade de lhe escolher um livro que fique bem nesta recordação. Deixo-o fechado sobre o colo dela.

Há pouco, ao tentar contar a cena, escrevi que a Francesca me fizera esperar por brincadeira. Apaguei as últimas palavras. Conheço a facilidade com que encontro uma intenção que me favoreça, sobretudo quando posso chamar-lhe cumplicidade e prosseguir sem que ninguém me interrompa; diante da folha, sou eu quem dispõe do tempo, eu quem escolhe em que momento ela levanta os olhos. Desencostei-me da mesa. Tinha escrito a frase depressa, satisfeito com a maneira como soava.

Amei-a também enquanto ela lia, embora naquele instante preferisse que me prestasse atenção. Podia sentar-me perto dela e ouvir o roçar das folhas, olhar para as mãos que conhecia pelo contacto e que, ocupadas noutra coisa, me davam vontade de voltar a tocá-las. Por vezes levantava-se para ir buscar água. Eu seguia-a com os olhos, sem assunto que justificasse chamá-la, contente por ela ainda estar ali, descontente por essa alegria tão simples me deixar sem nada de interessante para dizer.

Volto ao beijo. A Francesca afastou-me devagar para ajeitar o livro, e eu puxei a outra cadeira para junto da dela. A madeira arrastou no chão. Ficámos assim algum tempo, com o meu braço encostado ao seu, até ela abrir de novo as páginas no sítio que o dedo guardara. Pedi-lhe que me mostrasse onde ia. Inclinei-me para ler.

1

Palermo

Palermo; Lucca

Enfiei o botão na casa errada e só reparei quando o casaco me puxou o ombro. Desapertei-o junto ao lancil, deixando passar os carros, e tornei a abotoá-lo com ambas as mãos. Atravessar a rua exigia uma atenção que eu conseguia dar-lhe. Olhar para a esquerda. Esperar. Naquela noite de 24 de Novembro de 2024, em Palermo, agradeci por momentos que alguém pudesse atropelar-me sem ter nada contra mim.

Tinham-me mandado agir contra o procurador ligado ao caso do AC Milan. Se recusasse, fariam-me mal. A conversa admitira outras palavras, algumas pertencentes ao vocabulário dos negócios, mas fora isto que eu ouvira e que continuava a ouvir enquanto procurava transporte, com o colarinho a roçar-me o pescoço sempre que voltava a cabeça.

Eu devia dinheiro à Cosa Nostra. Conseguia dizer a frase inteira dentro da cabeça; já explicar como chegara a ela obrigava-me a regressar a conversas em que me conviera entender menos do que entendia, ou pensar que haveria tempo para esclarecer o resto. O Paul manipulara o negócio relacionado com o Milan em que eu entrara; a dívida ficara para eu pagar. Agora queriam cobrar uma intervenção minha contra um procurador que não estava à minha disposição. Alegavam que eu tinha influência junto dele; eu ignorava se acreditavam nisso.

Tinha de procurar o Vittorio Rossi, em Lucca. Sabia isso antes de encontrar um táxi, embora me demorasse a olhar para cada um que passava, à espera de reconhecer algum disponível. Aos quarenta e oito anos, habituado a que me pagassem para avaliar riscos, queria sobretudo sentar-me num banco de trás e dar um endereço que não tivesse de justificar.

O motorista repetiu o destino para confirmar. Respondi-lhe logo e fiquei satisfeito por ter sido capaz de uma resposta tão simples. Depois encostei a cabeça ao banco. À luz que entrava pelas janelas, as minhas mãos pareciam as de sempre.

No hotel, abri o computador e procurei uma ligação que me permitisse chegar a Lucca no dia seguinte. Havia lugares. Havia também viagens de regresso a casa, com horários que me serviam, e passei algum tempo a compará-las sem intenção de comprar nenhuma, porque olhar para uma

saída ainda me dava a impressão de a conservar. O empregado bateu à porta com a sanduíche que eu pedira. Levantei-me para o deixar entrar.

Depois da primeira dentada, tive de pousar o pão. Estava com fome. Isso irritou-me mais do que a falta de apetite: o corpo continuava a pedir comida e eu não conseguia engoli-la. Uma ponta de alface ficara colada à loiça com maionese. Empurrei-a com o dedo antes de voltar ao computador.

Comprei a viagem para Lucca. O Vittorio era o contacto que eu tinha; faltava saber se aceitaria receber-me e o que estaria disposto a dizer. Procurá-lo parecia-me, pelo menos, uma acção que ainda podia escolher, e naquela noite bastava-me essa vantagem modesta para continuar sentado à mesa, a conferir uma reserva que já estava confirmada.

Tentei depois tratar de trabalho. Uma mensagem corrente pedia uma resposta curta, sem relação com o Milan, e li-a até me saber de cor a primeira linha. O ar condicionado fazia um estalido regular. Desliguei-o. Quando voltei ao ecrã, tive de recomeçar a leitura.

Deixei a resposta por escrever.

Dormi em intervalos que pareciam mais curtos do que eram. Sempre que acendia a luz para ver as horas, descobria que passara tempo suficiente para ter descansado, mas faltava-me qualquer recordação desse descanso. Numa das vezes, sentei-me na beira da cama e pus os pés no chão. Queria telefonar ao Vittorio. Olhei para a hora outra vez e decidi esperar pela manhã, uma consideração que teria parecido irrepreensível se eu não estivesse também a aproveitar aquelas horas para adiar a conversa.

No dia 25 de Novembro, em Lucca, mandei-lhe uma mensagem antes de sair para comer. Disse que estava na cidade e precisava de falar com ele sobre o negócio. Reli-a com o polegar sobre o ecrã. A palavra "negócio" servia para tanta coisa que podia continuar a usá-la sem contar uma mentira. Enviei o pedido assim.

Perto de San Michele, comprei uma fatia de pizza e sentei-me junto da porta. O rapaz do balcão perguntou se a queria aquecida e eu disse que sim, embora tivesse acabado de a ver sair do forno. Ele ficou a olhar para mim, depois voltou a perguntar. Dessa vez ouvi-o.

Comi devagar. Cada cliente que entrava trazia frio para a mesa, e eu afastava os pés sem deixar de olhar para a comida. Até ali, o Vittorio não respondera. Ocorreu-me que podia recusar receber-me, ou aceitar e não me ajudar, duas possibilidades para as quais eu ainda não preparara uma frase.

O Steven telefonou quando eu ia levantar-me. Fiquei sentado.

— Arranjas-me uns minutos?

— Para quê?

— Tenho um trabalho para discutir contigo. Informação empresarial. Quando estás disponível?

— Estou em Lucca.

— Sim. Quando estás disponível?

Olhei para a porta, que um cliente deixara aberta enquanto falava com alguém na rua. O rapaz do balcão pediu-lhe que a fechasse.

— Desculpa. Ainda tenho de acabar o assunto que me trouxe a Itália.

— Quanto tempo?

— Gostava de saber.

O Steven esperou. Ao telefone, ele conseguia esperar de uma maneira que me fazia continuar a falar.

— Preciso de ter uma conversa aqui. Depois saberei melhor.

— Estamos a falar de dias?

— Talvez.

— Eu só preciso de marcar uma conversa contigo, Octávio. Por agora, é isso.

— Podes dizer-me em duas palavras?

— Duas palavras foi o que eu disse. Informação empresarial. Para explicar o trabalho, preciso de mais tempo.

— Está bem.

— É outro cliente. Um assunto separado. Pode interessar-te.

A porta tornou a abrir-se. Desta vez entrou uma mulher com um saco de compras, e eu levantei-me para a deixar chegar à mesa de trás. Continuei de pé, com o telefone junto do ouvido.

— Quando estiver livre, ligo-te.

— Podes ouvir a proposta e decidir depois.

— Hoje ia ouvir metade.

— Estás a falar comigo há uns minutos.

— Pois estou.

A mulher pediu-me licença para tirar uma cadeira. Afastei-me mais um pouco.

— Quero ouvir-te com atenção. Agora não consigo.

— Está bem. Telefona quando puderes falar do trabalho.

— Ligo-te.

Ele terminou a chamada sem me dizer o nome do cliente. Fiquei ainda um instante de pé, à espera de uma frase que já não vinha, até a mulher me perguntar se eu precisava da cadeira. Disse-lhe que podia levá-la. A pizza ficou no prato.

No caminho para o hotel, tive vontade de ligar ao Steven e pedir-lhe que começasse. Um trabalho com um cliente identificável e uma remuneração a discutir podia ocupar-me durante uma hora, talvez durante o resto da tarde; eu podia fazer perguntas às quais ele soubesse responder e discordar sem ter de calcular o que me fariam por isso. Queria esse trabalho antes de saber em que consistia. Também queria receber por ele.

Abri o computador no quarto. Os compromissos estavam separados por pastas, e bastava fechar uma para deixar de ver o que continha, operação tão limpa que um homem podia repeti-la todos os dias e acabar por julgar que a facilidade de arrumar os assuntos dizia alguma coisa favorável sobre a maneira como entrara neles. Fechei a pasta do Milan. Abri a mensagem a que tentara responder na noite anterior.

Levei quase meia hora a escrever duas linhas. Tive de voltar ao princípio porque chegava à assinatura sem me lembrar bem do que acabara de dizer, e uma data, que eu conhecia, precisou de ser conferida na agenda. Enviei a resposta.

O Vittorio continuava sem responder.

Ao fim da tarde, desci à recepção. A empregada estava a resolver um problema com a impressora e pediu-me um momento. Esperei enquanto ela retirava uma folha presa; quando conseguiu libertá-la, alisou-a sobre o balcão e perguntou em que podia ajudar.

Pedi-lhe que prolongasse a reserva por uma noite. Ela procurou o meu nome no computador, obrigou-me a repetir o apelido e quis saber se eu pretendia mudar de quarto.

— O mesmo, se puder ser.

2

A fotografia

Lucca, 26 de Novembro de 2024

— Quem lhes disse que eu podia chegar ao procurador?

O Vittorio levou a chávena à boca, fez uma careta e tornou a pousá-la. Estávamos de pé junto de uma mesa alta, em Lucca, na manhã de 26 de Novembro. Eu tinha um saco de compras pendurado no pulso e acabara de lhe falar de Palermo. Da dívida também. Esperara pelo fim do meu relato para fazer aquela pergunta, que me parecia simples enquanto ainda não a tinha feito.

— Trouxe-lhe um contacto — disse ele.

Abriu o casaco e tirou uma fotografia do bolso interior. Para a pousar, afastou o açucareiro. Fiquei a olhar para a mulher antes de pegar no papel.

— Francesca Russo. É advogada.

Tinha o cabelo escuro apanhado e o rosto voltado para a câmara. Inclinei a fotografia para evitar o reflexo da luz. Era pequena, sem espaço suficiente à volta da mulher para eu perceber onde fora tirada, e dei por mim a aproximá-la dos olhos, como quem espera encontrar num rosto a resposta que o homem à sua frente não lhe deu.

— Amanhã, em Portoferraio — disse o Vittorio. — Na Caffetteria Panelba. Às onze.

Baixei a fotografia.

— Ela sabe que vou?

— Combinei com ela. Está à sua espera.

O saco escorregou-me até aos dedos. Pousei-o contra o pé da mesa e procurei o telefone, com a fotografia ainda na outra mão. O Vittorio repetiu o nome do café enquanto eu o escrevia. Fê-lo devagar, separando as sílabas, e corrigiu uma letra.

— Panelba. Isso mesmo.

Ficámos os dois a olhar para o ecrã. Eu tinha agora uma hora a cumprir, o que me trouxe um alívio tão imediato que quase me contentei com ele: havia uma viagem a preparar, podia perguntar pelos barcos e calcular o tempo até ao porto, ocupações nas quais um erro de meia hora ainda se resolvia à espera do seguinte. Guardei o telefone.

— Disse-lhe o que me pediram em Palermo?

— Disse-lhe o necessário para aceitar falar consigo. O resto deve contar-lhe o Octávio.

— Gostava de saber quanto é esse necessário.

O Vittorio olhou para a fotografia, que eu segurava pela ponta.

— Que precisa de ajuda.

Passei o polegar pela borda da fotografia. Queria que o Vittorio me dissesse para ir a Elba com a segurança de quem conhece a solução; teria sido uma grande comodidade poder levar essa segurança emprestada até ao barco.

— Ela acha que pode ajudar-me?

— Aceitou recebê-lo. Julgo que vale a pena ir.

Devolvi-lhe a fotografia. Antes de a largar, olhei outra vez para o rosto, desta vez para conseguir reconhecê-lo. O Vittorio guardou-a e bebeu o resto do café.

— Às onze — disse eu.

— Sim. Deve conseguir chegar sem dificuldade se sair cedo.

Abotoou o casaco e despediu-se com um aperto de mão. Ainda pensei em retê-lo pelo nome. Cheguei a abrir a boca, mas ele parou para deixar passar uma mulher entre as mesas e eu aproveitei aquele instante para me baixar e apanhar o saco. Quando me endireitei, já caminhava para a porta.

As compras tinham sido feitas antes de o encontrar. Levava meias para o frio. Na loja, a empregada mostrara-me umas meias mais finas; eu insistira nas grossas, certo de que sabia escolher, e fora agradável exercer uma competência que ninguém me contestava.

No quarto, sentei-me para as experimentar. Eram macias. O pé ficou quente assim que as calcei, mas deixou de caber no sapato.

Puxei a calçadeira uma segunda vez. Desisti.

Com o sapato preso a meio do calcanhar, telefonei à Toscin. Pus o som alto e deixei o telefone sobre a cama, ao meu lado.

— Vou para Elba amanhã de manhã. Se precisares de mim, posso demorar a atender.

— Amanhã, dia vinte e sete?

— Sim.

— Está bem. Espera um segundo.

Ouvi-a falar com alguém, longe do telefone. Aproveitei para tirar o sapato, devagar, para não forçar a parte de trás. Olhei para a meia com uma irritação que o preço não justificava.

— Já estou — disse a Toscin. — Precisas de alguma coisa?

— Era só para avisar. Tenho passado a manhã a comprar mal.

— Ao menos pagaste pouco?

— Nem por isso.

— Boa sorte.

Ri-me. Ela tinha outra chamada a fazer e desligámos. Fiquei sentado, com uma meia grossa num pé e a outra na mão, ainda com vontade de lhe contar o resto. Depois calcei as que trouxera. Os sapatos entraram sem esforço.

Quis telefonar à Cecilia para lhe contar aquilo. Podia começar pelas meias e perguntar-lhe pelo trabalho; havia de conseguir uma conversa de alguns minutos sem lhe pedir nada. Procurei o nome dela nos contactos.

Ignorava onde estaria àquela hora. Talvez nem atendesse. Essa possibilidade facilitava o gesto de carregar no botão, e mantive o dedo perto dele durante algum tempo, a preparar a frase com que lhe diria que estava em Lucca, embora fosse mais provável que me perguntasse primeiro como eu estava, pergunta corrente para a qual naquele dia me faltava uma resposta corrente.

Tinha vontade de ouvir a voz dela. Também tinha vontade de poder falar de uma compra sem lhe contar por que esperara pelo Vittorio toda a manhã.

Fechei os contactos.

Abri os horários dos barcos de Piombino para Portoferraio. Para estar na Panelba às onze, precisava de sair de Lucca muito cedo. O nome da Francesca continuava na nota que escrevera junto do endereço. Reli-o, tentando recuperar a cara. Lembrava-me do cabelo com mais nitidez do que da boca.

Comecei a preparar o que lhe diria. A primeira versão demorava-se no negócio e chegava tarde a Palermo; na segunda, eu apresentava-me ameaçado e levava demasiado tempo a mencionar a dívida. Mexi a boca sem som, sentado diante do telefone. A mulher podia ouvir-me até ao fim e dizer que não me ajudava. Podia até interromper-me antes.

Reservei a passagem para Portoferraio e pedi um carro que me levasse a Piombino antes do primeiro claro do dia.

3

Panelba

Portoferraio, ilha de Elba — 27 de Novembro de 2024

A Francesca disse-me o nome por cima do ruído do moinho. Reconheci-a da fotografia e estendi-lhe a mão, mas tive de lhe pedir que repetisse.

— Francesca Russo.

— Octávio Viana.

Ela já sabia. Eu também sabia o nome dela, embora naquela manhã, na Caffetteria Panelba, às onze horas, me tivesse parecido necessário ouvi-lo da sua boca antes de a convidar a sentar-se. A mão estava fresca. Largou a minha para tirar as luvas, com um capacete apertado entre o braço e o corpo.

— Já pediu?

Mostrei-lhe o café. Ela foi ao balcão buscar o seu e voltou com um bolo num prato pequeno. Precisei de chegar a minha cadeira para dar lugar ao capacete, que ficou junto dos pés dela.

Eu tinha preparado aquela conversa durante a travessia. A versão de que me lembrava começava por agradecer a disponibilidade, mas a Francesca sentou-se, perguntou-me o que se passava e eu desisti da introdução, com o pequeno desgosto de quem chegou cedo para um espectáculo a que retiraram a primeira parte.

— O Vittorio contou-lhe alguma coisa?

— Pediu-me que o ouvisse.

— Disse-lhe porquê?

Ela rasgou um pacote de açúcar depois de tentar abri-lo pela marca. Caíram alguns grãos no pires.

— Prefiro que me diga o Octávio.

Comecei pelo negócio do Milan. Ainda não chegara a Palermo e já precisava de esclarecer uma frase minha, porque a tinha construído de maneira a caber nela uma responsabilidade menor do que a que me levara até ali.

— Espere. O que lhe pediram em Palermo?

Contei-lhe a exigência de agir contra o procurador ligado ao caso. Baixei a voz quando lhe disse quem me ameaçara. Na mesa ao lado, duas

pessoas riam de uma coisa que eu não conseguira ouvir; esperei que acabassem e acrescentei a dívida.

Ela ouviu-me sem tirar notas. Por duas vezes pensei que ia interromper-me, mas estava apenas a acabar de mastigar, e continuei a falar até já não ter por onde continuar sem repetir o que tinha dito.

— Sabe por que lhe pediram isso a si?

— Era o que eu queria que o Vittorio me explicasse.

Eu olhava para ela à espera de uma pergunta que me desse licença para contar mais, ou de uma resposta que me permitisse parar. A mulher da fotografia deixara-me imaginar uma atenção imóvel, talvez por ser isso o que uma fotografia oferece a quem precisa de ajuda; esta mexia-se, comia um bolo, tinha um fio de cabelo preso à gola e ouvia-me melhor do que eu conseguira preparar-me para ser ouvido.

— Há uma pessoa com quem posso tentar falar.

— Quem?

— Primeiro preciso de saber se aceita ouvi-lo.

— Preferia saber com quem vou falar.

— O nome só lho dou com autorização dela.

— Trabalha consigo?

— Sobre essa pessoa fico por aqui. Ainda nem sabe que estamos a ter esta conversa.

— Sou consultor. Estou habituado a trabalhar com informação reservada.

— Acredito.

Fiquei à espera. Ela comeu o último pedaço do bolo.

Eu tinha atravessado de barco para me sentar diante de uma mulher que podia ajudar-me e que acabava de me recusar um nome, recusa pequena, dirá o leitor, mas experimente precisar de alguém e verá como depressa começa a fazer contas ao que essa pessoa lhe deve. Quis perguntar-lhe em que qualidade seria feita a aproximação. Era uma maneira mais cuidada de insistir, e cheguei a abrir a boca.

A Francesca olhou para a hora.

— Vou almoçar junto ao porto. Pode vir, se quiser.

— Acha que temos alguma coisa a adiantar?

Ela ficou um instante a olhar para mim.

— Eu tenho fome.

Aceitei antes de conseguir formular outra pergunta. Enquanto vestia o casaco, ela disse-me onde costumava comer. Falava depressa, juntando o fim de uma indicação ao princípio da seguinte; eu ainda procurava situar a primeira rua quando já ela se baixava para apanhar o capacete.

— Pode repetir o nome?

Disse-o devagar. Depois voltou à velocidade anterior para acrescentar que tinha pouco tempo e ia levar a Vespa.

Lá fora, esperei que acabasse de calçar as luvas. A Vespa estava perto da entrada. A Francesca arrumou a bolsa, prendeu o capacete e fez-me sinal para sair da frente.

Afastei-me.

— Encontramo-nos lá.

Fui a pé. O frio apanhou-me no pescoço antes de chegar à esquina e fechei o casaco, abotoando-o sem parar. Tinha sido fácil aceitar o almoço. Só depois de a ver arrancar me ocorreu que ela podia ter-me indicado o restaurante e seguido para outro sítio, hipótese sem fundamento que me entreteve durante alguns passos, até eu começar a reconhecer o caminho que me explicara.

Perto do porto, um homem puxava uma mala que tombava sempre que a roda encontrava uma junta do passeio. Deu-lhe um pontapé curto para a endireitar. Parei para o deixar passar e só então senti fome. Desde manhã que pensava no que diria à Francesca; agora precisava também de decidir o que comer, embora me parecesse pouco delicado ter recuperado o apetite antes de saber se ela podia ajudar-me.

Encontrei a Vespa primeiro. A Francesca já estava à mesa quando entrei, numa sala pequena onde cheirava a alho quente.

— Pedi água. O prato do dia é massa. Costumam trazer depressa.

Pedi o mesmo. Ela foi lavar as mãos.

Quando a Francesca regressou, trouxe a ponta de uma manga húmida e tentou enxugá-la com o guardanapo. Desistiu assim que chegaram os pratos.

— É de Elba?

— Sou siciliana. Vivo em Cefalù.

Ia dizer-lhe que estivera em Palermo. Consegui evitar.

Ela provou a massa e comeu mais um pouco antes de voltar a falar.

— Veio à ilha só por causa desta conversa?

— Vim falar consigo.

Assentiu, sem comentar a viagem. Eu tinha escolhido uma resposta que tanto servia para explicar uma necessidade como para sugerir uma preferência.

— Tem tempo para almoçar?

— Tenho.

— Então coma.

Comi. O molho tinha ficado preso numa dobra da massa e queimou-me a língua. Bebi água, com a atenção toda devolvida à boca. A Francesca reparou e empurrou a garrafa na minha direcção, mas continuou a comer sem me perguntar se estava bem.

Falámos mais devagar durante uns minutos. Soube que era advogada pela voz dela, em vez de o saber pelo Vittorio, e gostei mais assim, embora a informação fosse a mesma. Disse-lhe que tinha quarenta e oito anos. Ela respondeu que tinha mais um e pediu-me o pão.

Passei-lhe o cesto. As nossas mãos tocaram-se na asa, um contacto que ela resolveu largando-a e que eu prolonguei dentro da cabeça enquanto tirava uma fatia para mim.

— O Vittorio disse-me que também escreve.

— Romances.

— Quando?

— Quando consigo. Há dias em que o trabalho ocupa tudo e depois…

Ela levantou os olhos do prato, à espera. Eu ia explicar-lhe a diferença entre ter tempo e conseguir usá-lo, matéria em que dispunha de experiência bastante para arruinar um almoço.

— Ultimamente, pouco.

— Está bem.

— Hoje preparei o que ia dizer-lhe.

— Saiu assim?

Ri-me. Ela sorriu e bebeu água. Tinha um pouco de molho na ponta do garfo e limpou-o no pão antes de o levar à boca.

A porta abria mal. Quem entrava precisava de a puxar de novo para a fechar, e a certa altura o empregado veio prender um guardanapo dobrado junto do encaixe. Entrava ar frio daquele lado da mesa; a Francesca aproximou os pés da cadeira e voltou ao prato.

Gostava de a ver comer. Foi isso, por momentos. Sem ter de lhe pedir uma resposta nem de encontrar no modo como segurava o garfo uma indicação sobre o que faria a seguir. Ela tinha dito que estava com fome e o almoço ia acabando depressa, ao contrário do meu, que eu interrompia sempre que julgava ter encontrado uma pergunta aceitável.

— Fala sempre assim?

A Francesca parou.

— Assim como?

— Depressa.

— Depende. Está a perceber-me?

— Agora, sim.

Ela fez que sim também, mas continuou a olhar para mim.

— O meu problema é o contrário. Demoro a chegar ao que interessa.

— Às vezes.

Ela perguntou-me se ia ficar na ilha naquele dia.

— Ainda estou a decidir.

— Se voltar hoje, veja os horários.

Perguntei-lhe se podíamos continuar a conversa mais tarde.

— Podemos voltar a falar. Agora preciso de sair.

Disse-o quando eu ainda tinha quase metade da massa no prato. Trouxe o telefone para cima da mesa e pediu-me o número. Ditei-o devagar. Ela leu-mo de volta muito mais depressa, acertou em todos os algarismos e fez uma chamada curta para eu ficar com o dela.

Guardei o contacto com o nome completo.

— Francesca chega.

— Nesse caso, Octávio.

Tentou dizer o meu nome. A sílaba forte caiu no sítio errado e repeti-o, separando-o um pouco. Ela tentou de novo, desta vez tão depressa que quase o perdi. Sorri-lhe.

Eu queria que ficasse. Também queria perguntar outra vez por aquela pessoa, agora que tínhamos comido à mesma mesa e trocado números, como se o pão me tivesse dado um direito que o café não chegara a conceder. A Francesca chamou o empregado e pagou a parte dela antes de eu tirar a carteira.

Levantei-me quando pegou no capacete.

— Acabe de comer. Eu vou andando.

Hesitei junto da cadeira. Ela já estava a enfiar uma luva e precisou de tirar a mão para me cumprimentar. Desta vez ouvi bem quando disse o meu nome.

Fiquei à mesa. Vi-a chegar à Vespa, procurar espaço para recuar e arrancar assim que um carro acabou de passar. O empregado veio buscar o prato dela e estendeu a mão para o meu.

— Ainda estou a comer.

4

A travessia

Elba e Piombino, costa toscana, 30 de Novembro de 2024

A Francesca partiu a sanduíche sem a tirar do papel e estendeu-me metade. Aceitei. O pão resistiu à primeira dentada, e ela ficou a olhar para a sua parte antes de tentar outra vez.

— Está seco.

Concordei com a boca cheia. Estávamos num banco exterior do barco para Piombino, ao abrigo de uma divisória que nos protegia do vento enquanto permanecêssemos sentados. Bastava endireitar-me para sentir o frio nas orelhas. A Francesca mantinha o papel preso com o polegar.

— Posso dizer ao juiz que continuas disponível nos próximos dias?

— Depende do que for preciso. Tenho trabalho em Portugal, mas posso fazê-lo daqui, desde que saiba com alguma antecedência…

— Estou a perguntar se podes ficar.

Engoli.

— Posso.

— Então digo-lhe isso.

Ficara em Elba depois do almoço da Panelba. Nos dois dias seguintes, a Francesca estabelecera a ligação com o juiz Paolo Benetti, e naquela manhã de 30 de Novembro eu já tinha outras perguntas para lhe fazer. A ela também, embora essas fossem mais difíceis de distribuir por assuntos.

Gostava de a ouvir trabalhar. Eu começava a explicar uma dificuldade, dava-lhe a volta para que ela pudesse apreciá-la do meu lado, e a Francesca interrompia-me no ponto em que ainda havia uma decisão a tomar; irritava-me que chegasse tão depressa, sobretudo quando eu contava demorar-me mais um pouco nas razões que me dispensariam de decidir. Depois dizia-lhe que sim. Ou que não podia. Ela conseguia prosseguir com qualquer uma das respostas.

— Ao fim da tarde tento falar ao Benetti. Se houver uma hora para outra conversa, aviso-te.

Fiz que sim. Ela soltou o papel para afastar o cabelo da boca e teve de o apanhar antes que voasse. Segurei-lhe a sanduíche por um instante. Quando lha devolvi, os nossos joelhos tocaram-se, e ela ficou sentada um pouco mais perto, continuando a comer.

A ilha ainda se via atrás de nós. Eu reconhecia cada vez menos coisas na costa, mas voltava a cabeça de vez em quando, contente por poder apontar-lhe uma casa ou um caminho sem que disso dependesse nenhuma resposta. A Francesca olhava quando eu apontava. Uma vez disse que aquilo era outra coisa. Das restantes, limitou-se a acompanhar-me o gesto.

— Já conheces bem a ilha?

— O suficiente para perceber que sabes mais do que eu — disse-lhe.

Ela acabou de mastigar.

— Isso é pouco.

Ri-me. A Francesca procurou no papel uma parte do recheio que tinha escorregado para fora do pão e comeu-a com os dedos. Ao lado da divisória, um homem descascava uma tangerina sobre um saco de plástico. Tinha o cuidado de tirar os fios brancos antes de separar cada gomo.

Eu reservara um carro à chegada. Podia voltar a Lucca, podia tratar de trabalho pelo caminho, e havia nessa disponibilidade uma folga que me pareceu possível oferecer-lhe sem ter de lhe dizer que queria continuar ao pé dela.

— Tens de seguir logo de Piombino?

— Tenho uma coisa pessoal para tratar lá.

— Vou contigo. Depois saio quando te der jeito.

A Francesca baixou a mão que levava à boca.

— Hoje vou sozinha.

Fiquei com a sanduíche entre as mãos. Uma ponta do papel colara-se ao pão e comecei a puxá-la devagar.

— Podia acompanhar-te só um bocado.

— Octávio, vou sozinha.

Olhei para o homem da tangerina. Estava a comer um gomo, atento à casca que lhe ficara no polegar.

— Julguei que preferias ter companhia.

A Francesca esperou que eu voltasse a olhar para ela.

— Acabei de te dizer o que prefiro.

Assenti depressa. Quis ainda esclarecer que não lhe estava a pedir para me contar o que ia fazer, só me oferecia para andar com ela até onde fosse possível, explicação que dentro da minha cabeça se apresentava bastante razoável e que, posta em voz alta, me obrigaria a pedir-lhe outra vez a mesma coisa. Arranquei do pão o resto do papel.

— Sei ser discreto.

Ela deixou passar algum tempo.

— Há coisas que não te posso explicar. Se vieres comigo, podes comprometer alguém sem sequer dares por isso.

O barco inclinou-se um pouco e ela apoiou a mão no banco. Eu ia responder que conhecia os riscos. A Francesca continuou antes de eu abrir a boca.

— Por favor.

Bebi água. Tinha engolido depressa demais e uma aresta do pão arranhara-me a garganta. Precisei de beber outra vez.

Ela juntou o que sobrava da sanduíche no papel. Eu continuei a comer a minha metade, sem vontade, mas também sem querer levantar-me à procura de um caixote enquanto ela estava ali sentada. A água batia contra o casco abaixo de nós. Durante algum tempo conseguimos ouvir uma conversa do outro lado da divisória, duas pessoas a tentar lembrar-se de onde tinham deixado o carro.

— Depois telefono-te — disse eu. — Para sabermos da conversa com o juiz.

A Francesca voltou-se para mim.

— Amanhã. Hoje já não vou tratar disso.

— Tinhas dito ao fim da tarde.

— Pois tinha.

Esperei que acrescentasse alguma coisa.

— Amanhã telefono eu — disse ela.

Baixei os olhos para o bilhete que tinha debaixo da perna, a salvo do vento. Deixava ver a data e parte do nome do porto. Alisei a ponta que se dobrara, embora não precisasse de o apresentar a ninguém durante a travessia.

A Francesca levantou-se para deitar fora o papel. Quando voltou, ocupou o mesmo lugar e calçou as luvas. Havia espaço entre nós. Bastava-lhe apoiar-se no encosto para eu ver o mar por cima do ombro dela, uma água de cor diferente de cada vez que o barco mudava ligeiramente de posição.

Eu tinha perguntas que podiam esperar até ao dia seguinte. Tinha outras cuja urgência aumentava por ela não me deixar fazê-las, e estive a ordenar umas e outras, à procura de uma que pudesse dizer sem parecer que continuava a insistir. A Francesca fechou os olhos. Uma madeixa presa à gola soltou-se com o vento e ficou-lhe encostada à face.

Deixei-a ficar.

Ao aproximarmo-nos de Piombino, ela abriu os olhos e inclinou-se para a frente. O homem da tangerina já se tinha ido embora. Ficara no chão um caroço, que rolou até à base do banco quando o barco alterou o andamento.

— É melhor irmos descendo — disse a Francesca.

Dei-lhe passagem. Junto à escada tivemos de esperar, porque as pessoas que vinham de dentro ainda procuravam lugar na fila. Ela ficou um degrau abaixo de mim, com a mão no corrimão. Eu via-lhe a risca do cabelo e a pele do pescoço acima da gola. Se lhe dissesse alguma coisa dali, teria de me inclinar sobre ela.

Fiquei direito.

A descida demorou mais do que eu esperava. Um tripulante pediu-nos que aguardássemos e a fila comprimiu-se atrás de mim, obrigando-me a avançar até ficar outra vez muito perto dela. A Francesca não se virou. Quando nos deixaram passar, procurou o bilhete na bolsa, descobriu que já o tinha na mão e sorriu sozinha, muito brevemente.

Em terra, caminhámos lado a lado até haver espaço para as pessoas se dispersarem. O ruído do barco continuava atrás de nós. A Francesca parou junto da saída e tirou uma luva para me dar a mão.

— Até amanhã, Octávio.

— Até amanhã.

Tive a mão dela na minha durante o tempo de um cumprimento. Depois larguei-a e comecei a procurar o carro. Sabia a matrícula; precisei de a consultar outra vez para a distinguir das que estavam à minha frente.

O motorista viu-me primeiro. Levantou o braço e eu atravessei o espaço entre dois carros, afastando-me do caminho por onde a Francesca seguia. Quando cheguei junto dele, ainda a consegui ver. Ia a pé e não olhou para trás.

— Lucca? — disse o motorista.

Confirmei. Ele abriu-me a porta e perguntou se precisava de passar por algum lado antes de sairmos de Piombino.

— Podemos seguir directamente.

Entrei. Ao sentar-me, encontrei uma migalha presa à manga e tirei-a com a unha. O motorista esperou que eu apertasse o cinto, confirmou a morada e saiu do estacionamento atrás de um camião que acabara de desembarcar.

5

Ferrara

Ferrara, início de Dezembro de 2024

— O taxista chegou à hora certa — disse a Francesca. — A culpa foi minha.

Eu ainda tinha a boca cheia. Fiz-lhe sinal para continuar.

— Marquei o táxi para a hora do comboio. Tinha preparado tudo na véspera, até uma sanduíche. Depois disse ao homem a que horas partia o comboio e ele ficou a olhar para o relógio.

— Quanto tempo faltava?

— Tempo nenhum, Octávio. Era àquela hora.

Ri-me. Ela tentou manter-se séria, sem conseguir.

— Ainda fui à estação. Achei que talvez estivesse atrasado.

— Estava?

— Estava eu.

O comboio seguinte demorava tanto que voltara a casa, em Cefalù, e comera a sanduíche na cozinha. Contou-me isto inclinada sobre a mesa, baixando a voz na parte do taxista, embora ninguém à nossa volta parecesse interessado em saber como uma mulher podia preparar uma viagem com tanta antecedência e esquecer-se do tempo que levava a chegar à estação.

Estávamos em Ferrara. Era o princípio de Dezembro, e ela telefonara no dia seguinte à nossa travessia, conforme prometera. O assunto de Elba trouxera-nos até ali; cada um fizera a sua viagem. Fora ela quem propusera o jantar.

Deixara-a escolher o restaurante e pedira os mesmos cappellacci, com manteiga e salva. O recheio de abóbora surpreendeu-me pela doçura. Ao princípio, comi depressa demais, ainda com a disposição de quem precisa de aproveitar o intervalo para saber o que acontece a seguir, mas a Francesca demorou-se no relato da viagem falhada e acabei por pousar os talheres para a ouvir.

Tinha o cabelo solto. De vez em quando prendia-o atrás da orelha e pouco depois voltava a fazer o mesmo, sem dar por isso; eu reparava em cada repetição, ocupação que não exigia nenhuma das competências de que gostava de me orgulhar e na qual teria aceitado passar o resto da noite.